



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E ADOLESCENTES: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

SASSO, Andrea Geraldi<sup>1</sup>, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campo Mourão).  
FRANÇA, Fabiane Freire<sup>2</sup>, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/Campo Mourão).

#### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho destaca a relação teórica e prática das discussões dos Estudos de Gênero e suas representações, durante a aplicabilidade de um projeto de intervenção voltado ao estágio supervisionado obrigatório do curso de Pedagogia (UNESPAR/Campo Mourão). A modalidade de ensino refere-se à educação não formal, em uma instituição não governamental sem fins lucrativos de tratamento no regime de internação de dependentes químicos, jovens e adultos apenas do gênero masculino, na cidade de Campo Mourão/PR.

O termo representações permite-nos entender que não há respostas únicas, prontas e certas, mas sim, representações que se alteram e que se adaptam conforme os seus usos e circunstâncias do contexto histórico (HALL, 1997, p. 09, *apud*, WORTMANN, 2001).

Para realização desta intervenção, nosso principal questionamento foi: Como problematizar a teoria dos Estudos de Gênero e suas representações com adolescentes?

Para responder à problemática, elaboramos um projeto intitulado: 'Discussões com adolescentes sobre o conceito de gênero, sexo e sexualidade', cujo objetivo foi desenvolver um trabalho pedagógico com os cinco adolescentes internos, na faixa etária entre 16 e 17 anos, de uma instituição não formal, de acordo com estudos e pesquisas referentes à questão de gênero, sexo, e a sexualidade. Utilizamos como aporte teórico, os estudos de pesquisadores especialistas na área da educação não formal, dentre eles (as) Gohn (2006) e Trilla (2008).

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR/FECILCAM), Pós-graduanda em EAD e as Tecnologias Educacionais (UniCesumar). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura (GEPAC/UEM-CNPQ). [dreasasso@gmail.com](mailto:dreasasso@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), mestrado e doutorado em Educação por esta mesma instituição pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE/UEM). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicopedagogia, Aprendizagem e Cultura (GEPAC/UEM-CNPQ). [prof.fabianefreire@gmail.com](mailto:prof.fabianefreire@gmail.com)



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

Quanto à intervenção pedagógica optamos pela abordagem teórica dos Estudos de Gênero com aporte dos Estudos Culturais mediante os estudos de França (2009); Louro (1997; 2013); Silva (2011).

Para isso, utilizamos como instrumentos de apoio para as discussões, um questionário prévio (com 13 questões), com intuito de analisar a construção de alguns conceitos e como estes influenciam na construção das identidades dos adolescentes. Selecionamos para serem analisadas neste trabalho as oito perguntas, por serem as mesmas referentes, em específico, as discussões de gênero, além de serem questões pertinentes nas discussões de gênero e suas representações.

### **EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

O termo “educação não formal” teve sua origem e divulgação, no Brasil, a partir das décadas de 60 e 70 do século XX. Esta modalidade de educação nasceu devido alguns fatores econômicos, políticos e sociais da época, buscando atender algumas necessidades, tais como:

O crescente aumento de demanda em educação em face da incorporação de setores sociais tradicionalmente excluídos dos sistemas educacionais convencionais (adultos, idosos, mulheres, minorias étnicas, etc.). Transformações no mundo do trabalho que obrigam a operacionalizar novas formas de capacitação profissional (reciclagem e formação continuada, recolocação profissional, etc.) [...] (TRILLA, 2008, p. 19).

Neste viés, os estudos sobre a educação não formal, a autora Gohn (2006, p. 03) exemplifica as áreas (espaço físico) de atuação da educação não formal, formal e informal. Segundo a autora, a educação formal acontece no “[...] território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadas, organizadas segundo diretrizes nacionais”. Enquanto que a educação não formal acontece por meio de várias dimensões, como a educação difundida pela e na mídia, capacitação para o mercado de trabalho, solução de problemas do meio que o cerca no dia a dia, entre outras formas (a intencionalidade é um ponto importante de diferenciação da educação informal). Finalmente, a educação informal é “[...] aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados”.

Para Gohn (2006, p. 02) a educação não formal:



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

[...] designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia [...].

Os principais objetivos da educação não formal, ainda segundo Gohn (2006) não são postos a princípio, mas, de acordo com o processo interativo e educativo, seus resultados são direcionados aos interesses e às necessidades que são apresentadas, além da “[...] transmissão de informação e formação política e sócio cultural [...]” ( GOHN, 2006, p. 03). A educação não formal tem como atributos a auto-estima, solidariedade, cidadania coletiva do grupo, não ser dividida por série, idade, conteúdos e sobretudo atua em aspectos subjetivos, na construção da identidade de cada um, indo ao encontro do objetivo deste trabalho no que tange as representações dos adolescentes durante o projeto de intervenção.

### **OS ESTUDOS DE GÊNERO, SEXO, SEXUALIDADE E A EDUCAÇÃO: APONTAMENTOS.**

Ao refletirmos sobre o contexto social, no qual estamos inseridos, percebemos que há inúmeras práticas sociais, políticas, culturais, familiares que são divisoras e formadoras de identidade de gênero e sexualidades. Essas práticas, por meio das relações de poder, se concentram em “ajustar” os indivíduos em padrões pré-estabelecidos, tornando-os segundo Mesomo (2004, p.101) sujeitos que “incluímos e excluimos a nós e aos outros na vivência e na produção de práticas discriminatórias as quais alimentamos com nossa diferenciação”, reforçadas também pela educação e em outros espaços promotores de educação intencional, como por exemplo, a educação não formal.

Ainda hoje, há muitos valores considerados tradicionais presentes dentro de uma lógica dicotômica e estereotipada que segundo Louro (1997, p.33), “[...] supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado – e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos”. A partir desta observação, podemos (re) pensar a educação formal e não formal e algumas de suas práticas, pelo olhar das discussões de gênero que:



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

[...] permite tecer novos caminhos no processo de ressignificação de categorias aparentemente universais. Há de se atentar para que as multiplicidades sejam observadas, visibilizando e compreendendo as relações mais finas, pois, ao estar imbricado com outras linhas, inclusive com a de classe social, o gênero não se coloca como categoria única. Assim, adotar o gênero pode indicar a possibilidade de romper com pensamentos binários que insistem em formas dicotômicas e hierarquizadoras, como branco ou negro; homem ou mulher; cultura ou natureza (JARDIM; ABRAMOWICZ, 2005, p. 96).

Ou seja, pensar a educação formal e não formal na visão de gênero, sexo e sexualidade possibilitam discorrermos sobre as inúmeras maneiras de ser homem, de ser mulher, macho ou fêmea, e as várias maneiras de relacionamentos, compreendendo que as identidades são construídas dentro de relações recíprocas e ao mesmo tempo complexas, sendo preciso levar em consideração as mudanças que ocorrem na produção do gênero e da sexualidade ao longo dos distintos momentos históricos e sociais.

### **METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho, priorizamos o referencial teórico metodológico da abordagem dos Estudos de Gênero com aporte teórico dos Estudos Culturais, que propõe análises e intervenções sobre o que é considerado natural e normal pela sociedade, tanto na instituição escolar, quanto nas demais instituições de educação não formal.

Esta pesquisa, caracterizada como uma pesquisa-ação participativa (COSTA, 2003), nos permitiu a convivência com os adolescentes, por meio da prática de intervenção, em forma de conversas e problematizações a respeito da temática central do projeto e a observação do ambiente que convivem.

Com isso, buscamos por meio de um questionário prévio (treze questões), respondido de forma individual por cinco adolescentes, na faixa etária de 16 a 17 anos, sem sua identificação, buscando identificar possíveis (re) construções de alguns conceitos ligados às discussões e representações sobre as temáticas propostas para as discussões, durante a prática da observação e a partir disso, direcionar as discussões na prática da docência.

Realizamos uma análise prévia das respostas do questionário para definirmos nosso ponto de partida nas discussões da prática de intervenção com os adolescentes, realizada em forma de conversas e dinâmicas.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **DISCUSSÃO DA PRÁTICA**

Os estudos referentes às questões de gênero, sexo, sexualidade e suas representações, ajudam a (re) pensar possibilidades de novos trabalhos e discussões que possam auxiliar e vir a complementar o trabalho dos profissionais tanto nas instituições de educação formal, quanto nos espaços de educação não formal. Várias são as situações, como as observadas durante a realização deste projeto, em que os adolescentes, de forma intencional ou não pré-julgam os papéis, comportamentos atribuídos a homens e mulheres que não seguem os padrões estabelecidos e aceitos socialmente, mostrando que os estereótipos ligados ao gênero são reforçados “[...] por práticas divisoras de sujeição, conseguidas pelas relações econômicas, pelos hábitos e tradições e, também, pela educação” (MESOMO, 2004, p. 101).

Para a análise das oito perguntas selecionadas do questionário, fizemos um quadro demonstrativo elencando as perguntas e respostas na íntegra. Identificamos os sujeitos envolvidos com a letra (A) como adolescente, seguido de um número de 1 a 5 que representa o número de adolescentes participantes da intervenção. As respostas iguais foram identificadas com a letra (T) que representa todos os sujeitos.

Quadro 01:

<b>Perguntas</b>	<b>Quem não escreveu:</b>	<b>Quem escreveu:</b>
1. Qual é seu: sexo		‘masculino’ (T) <sup>3</sup>
2. Gênero	(A1); (A2); (A3); (A4).	‘sempre hetero mas aceito a opção dos outros’ (A5)
3. Sexualidade	(A2); (A3).	‘mulher’ <sup>4</sup> (A1); ‘hetero’ (A4); ‘heterossexualidade’ (A5)
7. Você aprendeu algo sobre o masculino e o feminino na escola? Como?	(A4)	‘sim aprendi sobre os órgãos genetais’ <sup>5</sup> (A1); ‘Sim sobre gravides e doenças’ (A2); ‘Eu aprendi que brincar de boneca e casinha é coisa de

<sup>3</sup> Mesmo o questionário respondido individualmente, em algumas questões, em específico a pergunta número 1, todos os adolescentes ficaram em dúvida e conversaram entre si, e chegaram ao acordo que o sexo deles é masculino.

<sup>4</sup> A resposta do sujeito (A1) refere-se à atração por ‘mulher’, neste caso, ser heterossexual.

<sup>5</sup> Os registros dos adolescentes foram preservados, sem alterações ou qualquer correção ortográfica.



## X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

		meninas' (A3); ' que masculino é fazer e ser homem feminino é fazer coisas femininas' (A5) <i>sic.</i>
10. Existem vantagens e desvantagens de ser homem ou mulher? Por quê?	(A3)	'eu acho que sim por que você não precisa ficar esperando seu filho nascer' (A1); 'a vantagem de ser homem a maioria das vezes agir por conta própria' (A2); 'sim ele escolhe o que quer' (A4); 'homem tem que ser maxista mulher tem que ser (fresca sensível)' (A5). <i>sic.</i>
11. Em sua opinião, existem comportamentos destinados para cada sexo? Por quê?	(A1)	'sim, por que a gente tem que ser o jeito que a gente nasce' (A2); ' sim, da pra ver na cara quando alguém é gay' (A3); ' sim o homem é mais digamos solto a mulher é mais vergonhosa' (A4); 'sim, porque cada um tem comportamento diferente' (A5). <i>sic.</i>
12. Em sua opinião, como a sociedade atual mostra a formação do homem e da mulher? Por que?	(A1); (A3).	'igual por que tem coisas que a mulher sabe que o homem não sabe' (A2); 'a sociedade o homem tem que trabalhar e sustentar a família e a mulher cuidando dos filhos' (A4); 'homem é tratado no pesado mulher é tratada mais leve, mais sensível' (A5). <i>sic.</i>
13. O que é ser homem? O que é ser mulher?	(A2)	'homem é horar (*honrar) as suas responsa cuida dos seu filhos da sua esposa chegar no fim do mês fazer aquela compra e é isso. Mulher é cuida dos filhos ter carinhos com a pessoa ser amorosa' (A1); 'homem e mulher pra mim são aqueles (a) que correm atrás de seus objetivos e acamsão suas metas' (A3); 'ser omem é cumprir com suas repomsabilidades' (A4); '(homem)= gostar de mulher (mulher)= gostar de homem' (A5). <i>sic.</i>

Quadro 01: Quadro demonstrativo.

Fonte: arquivo pessoal.

Ao discutir os conceitos de gênero, sexo e sexualidade, levantados pelas dúvidas apresentadas pelos adolescentes nas questões 1, 2 e 3, destacamos as principais diferenças dos mesmos, com base em França (2009), em que sexo refere-se às característica biológicas do sujeito enquanto macho ou fêmea, o conceito de gênero que “[...] é uma produção histórico-



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

social, permeada por relações de poder, interesses, conflitos, contradições e negociações entre indivíduos e grupos” (FRANÇA, 2009), visto quanto à identificação do tipo de relação social que é estabelecido entre homens e mulheres, determinados pela cultura e tempo histórico que vivem e a sexualidade como uma construção social que evidencia a orientação ou encaminhamento dos desejos sexuais e afetivos dos seres humanos.

Na questão 07, fica evidente nas respostas dos adolescentes o ensino de caráter biologicista e as representações da escola, quando se trata da separação de homens e mulheres, seja pelo sexo: “sim aprendi sobre os órgãos genetais” (A1). Seja nas brincadeiras: “Eu aprendi que brincar de boneca e casinha é coisa de meninas” (A3), E no binarismo da dita heteronormatividade, a ser seguida, “que masculino é fazer e ser homem feminino é fazer coisas femininas” (A5). Chamamos a atenção à influência que a escola exerce sobre os indivíduos que ali se formam, pois esses adolescentes, alguns evadidos da escola pela drogadição<sup>6</sup>, não concluíram o Ensino Fundamental e Médio, mas tanto no questionário quanto durante nossa intervenção, os adolescentes se lembram dessas representações que marcam a (re) produção social, cultural e histórica dos gêneros.

Na pergunta número 10, observamos que na maioria das respostas aparecem apenas vantagens positivas, segundo os adolescentes de ser homem e nenhuma vantagem de ser mulher, apenas características muitas vezes impostas pela sociedade e representadas na seguinte colocação: “homem tem que ser maxista mulher tem que ser fresca sensível” (A5). Podemos inferir desta resposta que, diversas são as representações sobre homens e mulheres e diversos são os papéis, padrões e regras atribuídos aos indivíduos que “[...] uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar [...]” (LOURO, 1997, p.24).

A intenção das questões 11 e 12 são parecidas, ambas questionam se há ou não a influência da sociedade atual de maneira geral (social, política, cultural, econômica), frente à formação da identidade e maneiras de comportamentos diferentes, destinados a homens e mulheres. Nas respostas, ficam evidentes as representações dicotômicas dos papéis exercidos por homens e mulheres, como por exemplo, na pergunta 11 quando os adolescentes fazem as seguintes colocações: “sim, porque cada um tem comportamento diferente” (A5). E na

---

<sup>6</sup> Do verbo drogar: fazer ingerir droga; dopar; intoxicar-se com droga; dopar-se; drogado. (FERREIRA, 2004).



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

questão 12: "homem é tratado no pesado mulher é tratada mais leve, mais sensível" (A5). "Na sociedade o homem tem que trabalhar e sustentar a *familha* e a mulher cuidando dos filhos" (A4). Essa diferença binária entre homens e mulheres, segundo Swain (2009, p. 124) "[...] vai muito além do aparelho genital, pois todo um construto cultural se desdobra a partir da sua instituição para estabelecer uma divisão de trabalho e de poder social, propícia ao masculino".

A última questão de análise retoma o questionamento central de todo questionário e discussão do assunto, o que é, afinal de contas, *ser* homem? O que é *ser* mulher? Foi perceptível nas respostas, novamente, a diferença de valores, comportamentos esperados de homens e mulheres e a representação da heteronormatividade novamente quando os adolescentes afirmam que "homem é horar<sup>7</sup> as suas responsa cuida dos seu filhos da sua esposa chegar no fim do mês fazer aquela compra e é isso. Mulher é cuida dos filhos ter carinhos com a pessoa ser amorosa" (A1); "homem e mulher pra mim são aqueles (a) que correm atrás de seus objetivos e acamsão suas metas" (A3); "ser omem é cumprir com suas repomsabilidades" (A4); "(homem)= gostar de mulher (mulher)= gostar de homem" (A5), é evidente nas respostas o modelo a ser seguido como homem e mulher, segundo Weeks (1997, p. 80) isso acontece porque:

o ato de cruzar a fronteira do comportamento masculino ou feminino apropriado (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado) parece, algumas vezes, a suprema transgressão". Como já observamos, a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da "normalidade" (normalidade essa representada pelo par heterossexual, no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero).

No que diz respeito à pesquisa ação, no primeiro dia de prática do estágio supervisionado, iniciamos uma discussão referente ao que é sexo, sexualidade e gênero, utilizamos como instrumento de apoio, todas as treze perguntas do questionário que os adolescentes responderam durante o período de observação, e neste referido trabalho optamos por analisar apenas oito questões. Realizamos uma conversa formal com o grupo, devidamente fundamentada com os autores referenciados neste trabalho, o que nos possibilitou maior aporte nas respostas frente às dúvidas e inquietações expressas pelos adolescentes. Todos os jovens foram participantes ativos durante a realização do projeto de

---

<sup>7</sup> Referem-se a honrar.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

intervenção e contribuíram nas colocações e questionamentos orientados por nós, isso permitiu que os encontros fossem ricos de dados materiais, e principalmente, a desconstrução e problematização das representações hegemônicas de gênero.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho possibilitou perceber as relações de poder intrínsecas na figura do gênero como norma social, cultural e histórica refletidas nos papéis e características ditas masculinas e femininas pelas representações dos adolescentes, além de reconhecer que a educação acontece em tantas outras instituições e em diversas formas, não sendo um processo exclusivo da educação formal (escola). Ampliamos o sentido da educação e pensamos a importância de intervenções pedagógicas e educativas além do espaço escolar.

Em vista disso, ficou marcado nas discussões com os adolescentes durante o período de intervenção que tanto a identidade do homem quanto a identidade da mulher são de fato incorporadas ao longo da vida de acordo com o que a sociedade propõe, mediante as relações sociais, culturais, valores, políticas, econômicas etc. Porém, se por vezes, a educação formal escolar e não formal (clínicas, empresas, igrejas, hospitais), (re) produzem desigualdades de gênero, corpo e sexualidade (SASSO e FRANÇA, 2013), de outro lado, a mesma instituição e demais, como a que retratamos aqui, pode ser espaços que desenvolvam discussões pertinentes sobre essas questões, por meio de propostas pedagógicas e de um processo de problematização sobre seus pensamentos e ações.

### **REFERÊNCIAS**

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa HESSEL; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 36- 61. Mai/ Jun/ Jul/ Ago, 2003.

FRANÇA, Fabiane Freire. **A contribuição dos estudos de gênero a formação docente: uma proposta de intervenção**. (123p.) Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

\_\_\_\_\_. **Educação não formal na pedagogia social.** An.1 Congr. Intern. Pedagogia Social, Mar. 2006. Disponível em:  
<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext&tlng=pt)> . Acesso em: 02 Abr. 2013 às 11h52min.

JARDIM, Silvia Regina Marques; ABRAMOWICZ, Anete. Tendências da produção paulista sobre gênero e educação: um balanço de dissertações de mestrado. **Estudos RBPG**, v. 2, n. 3, p. 93-117, mar. 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MESOMO, Aliandra Cristina. Educação e Infância: Ensaio sobre poder e controle. **Nuances: estudos sobre educação**, São Paulo, v. 11, n. 11/12, p. 99-113, jan./jun. e jul./dez., 2004.

SASSO, Andrea Geraldi; FRANÇA, Fabiane Freire. Discussões dos Estudos de Gênero na instituição escolar: problematizações a formação docente. In: VIII EPCT, 2013, Campo Mourão. **VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica.** Campo Mourão: UNESPAR/FECILCAM, 2013. p. 01-10.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SWAIN, Tania Navarro. Os limites do corpo sexuado: diversidade e representação social. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Sexualidade.** Curitiba: SEED, 2009.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie; ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2008.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. **O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais.** Pro-Posições, v. 12, n. 1 (34), p.151-161, março, 2001.